

Curiosidade e curiosos na Ilustração portuguesa: palavras, seus usos e significados

*Curiosity and curious people in Portuguese
Enlightenment: words, their uses and meanings*

*Curiosidad y personas curiosas en la Ilustración de
Portugal: palabras, sus usos y significados*

Antonio Cesar de Almeida Santos¹

 [0000-0002-3176-6362](https://orcid.org/0000-0002-3176-6362)

Resumo: Neste texto, pretendemos identificar o(s) significado(s) das palavras curiosidade e curioso para a sociedade portuguesa do setecentos. Ainda que a mudança de significado de uma palavra não deva parecer surpreendente, pois os significados são contingentes e derivados de práticas sociais, buscamos determinar os sentidos atribuídos às palavras mencionadas nos seus contextos de enunciação, considerando quem as utilizava e com que intenção, a partir da análise de textos produzidos naquela época.

Palavras-chave: Curiosidade. Vocabulário. Conceitos. Ilustração. Portugal.

Abstract: In this text, we aim to identify the meaning(s) of the words curiosity and curious for Portuguese society in the eighteenth century. Although the change in the meaning of a word should not seem surprising, since meanings are contingent and derived from social practices, we seek to determine the meanings attributed to the words mentioned in their contexts of enunciation, considering who used them and with what intention, based on the analysis of texts produced at that time.

Keywords: Curiosity. Vocabulary. Concepts. Enlightenment. Portugal.

Resumen: En este texto pretendemos identificar los significados de las palabras curiosidad y curioso para la sociedad portuguesa del siglo XVIII. Aunque el cambio en el significado de una palabra no debería parecer sorprendente, ya que los significados son contingentes y derivan de prácticas sociales, buscamos determinar los significados atribuidos a las palabras mencionadas en sus contextos de enunciación, considerando quiénes las utilizaban y con qué intención, a partir del análisis de textos producidos en esa época.

Palabras-clave: Curiosidad. Vocabulario. Conceptos. Ilustración. Portugal.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Docente vinculado ao Departamento de História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pesquisador do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CEDOPE-UFPR) e do Grupo de Pesquisa Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos. *Lattes:* [1202514781340567](https://lattes.cnpq.br/1202514781340567) - *E-mail:* acsantos@ufpr.br.



Introdução: “Não me arrependo do tempo que me levou esta curiosidade” (R. Bluteau)

Este texto deriva de sugestão contida no título da obra redigida pelo padre oratoriano Teodoro de Almeida (1722-1804): *Recreação Filosófica*, ou diálogo sobre a Filosofia Natural para a instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas². No caso, pretendemos investigar o sentido dado à expressão “pessoas curiosas”, que aparece no subtítulo.³ Nessa direção, propomos identificar o(s) significado(s) das palavras ‘curiosidade’ e ‘curioso(s)’ para a sociedade portuguesa setecentista, considerando a utilização delas naquele período. Para tanto, seguimos uma indicação de Mario Molano Vega, buscando estabelecer os sentidos atribuídos a essas palavras em seus contextos de enunciação:

[...] a ‘análise pragmática’ dos conceitos supõe indagar acerca das disputas – assim como dos interesses que as motivam – em relação ao sentido e ao uso dos conceitos fundamentais da sociedade. Quem fala, em que contexto e com que intencionalidade, são perguntas básicas que o investigador de conceitos deverá levar em conta (Molano Vega, 2015, p. 170, *tradução nossa*).⁴

Na citação acima, há uma evidente referência à História dos conceitos alemã (*Begriffsgeschichte*), cujos pressupostos orientam em parte a nossa abordagem, não obstante uma ressalva de Koselleck (2020, p. 327) quanto à possibilidade de relacionar as “intenções dos falantes” aos significados das palavras, pois não seria possível identificar uma “correspondência direta” entre esses elementos. Ainda assim, entendemos que a proposição de Molano Vega, especialmente buscando identificar “quem fala, em que contexto e com que intencionalidade”, é válida para quem deseja enfrentar a tarefa de determinar o sentido que uma palavra (ou um sintagma) possuía no momento em que foi inscrita em dado documento; para tanto, devemos procurar estabelecer o que o autor do documento que está sendo interpretado estava querendo expressar (sua intenção) ao usar determinadas palavras ou expressões (Santos, 2021, p. 290).

Também levamos em conta a metodologia proposta por Quentin Skinner que, em estudo sobre Thomas Hobbes, indicou que para um correto entendimento dos textos

² A obra é composta por dez volumes, publicados entre os anos de 1751 e 1800; a partir do volume VII (1768), os subtítulos e o título principal sofreram algumas modificações.

³ A proposta de elaborar uma discussão sobre as noções de ‘curiosidade’ e ‘curiosos’ surgiu em 2016, durante a realização do *III Colóquio Cultura e Educação na América Portuguesa*, promovido pelo *CElbero – Grupo de Pesquisa Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos* (sobre o grupo, consultar: [CElbero](#)).

⁴ Original: “[...] el análisis pragmático de los conceptos supone indagar acerca de las disputas –así como por los intereses que las motivan– en torno al sentido y al uso de los conceptos fundamentales de la sociedad. Quiénes hablan, en qué contexto y con qué intencionalidad, son preguntas básicas que el investigador de los conceptos deberá tener en cuenta”.



analisados “[...] precisamos reconhecer a força da máxima segundo a qual palavras também são atos”, sendo capazes de promover intervenções nos contextos em que estão sendo veiculadas (Skinner, 2010, p. 14-15). Para Skinner, “[...] a chave para a interpretação daquilo que alguém terá dito, está no uso que esta pessoa faz das palavras” (Santos, 2019, p. 49). Para entender “o que é que significa exatamente investigar o uso das palavras” (Skinner, 2005, p. 145), pensamos ser necessário um breve comentário acerca dos pressupostos metodológicos desenvolvidos pelo historiador britânico, que construiu sua abordagem a partir de elementos da filosofia da linguagem de John Austin e de L. Wittgenstein. Para Austin (1990, p. 89-90), existem três tipos de atos linguísticos: os locucionários, que se configuram como “um ato ‘de’ dizer algo” (locução), os ilocucionários, entendidos como “um ato ‘ao’ dizer algo” (ilocução), e os perlocucionários, ou seja, os “efeitos ou consequências” decorrentes dos outros dois (perlocução). Conforme Austin, os atos ilocucionários possuem a capacidade de expressar a intenção da pessoa que está enunciando suas ideias. Nessa direção, Skinner propõe identificar o que alguém pretendia realizar ao lançar mão de um ato de comunicação escrita (a “intencionalidade” mencionada por Molano Vega). A intenção estaria diretamente ligada à dimensão pragmática da linguagem, quer dizer, aos efeitos que determinada pessoa pretenderia desencadear com a exposição de suas ideias, considerando que elas estão sendo inicialmente endereçadas a um público contemporâneo àquela ou àquele que escreve, e que esse público reagirá às ideias veiculadas, concordando com elas, discordando delas ou, até mesmo, ignorando-as.⁵ Por sua vez, a pessoa que enuncia suas ideias é movida pelo desejo de expressar concordância ou discordância a proposições com as quais se defrontou, estabelecendo uma relação dialógica (ou um debate) que possibilita alcançar a intenção daquelas ou daqueles que estão expondo suas ideias, e que, ao fazê-lo, pretendem obter um efeito ‘ao’ enuncia-las (trata-se, portanto, de impor uma força ilocutória a uma locução).

A partir dessas considerações, defendemos que é possível apreender o significado de uma palavra (ou de um sintagma) identificando o seu uso em determinada situação ou contexto; ou seja, entendemos que é possível identificar o significado das palavras que queremos estudar – curiosidade e curioso(s) – conforme o uso que delas fazia a sociedade portuguesa do setecentos. Esse exercício interpretativo também defende, como aponta

⁵ Não desconhecemos a importância de estudos sobre a recepção das ideias veiculadas por um texto; todavia, neste trabalho nos interessa abordar os contextos de produção dos textos analisados, buscando compreender o que seus autores “disseram, como e por que o disseram” (Fernández Sebastián, 2023, p. 45).



Rodrigo Turin (2019, p. 18), que certas palavras podem ser tomadas como “índices e fatores da realidade”, na medida em que

Ao usarmos e depararmos cotidianamente com determinadas expressões e construções de linguagem, presentes em processos burocráticos do dia a dia, em discursos públicos, em propagandas, em artigos da mídia, somos levados a habitar e ser habitados pelo tempo que essa linguagem carrega.

Em outras palavras, nossa proposta de trabalho “[...] consiste em, com a ajuda de textos, chegar a enunciados que ultrapassam os textos, porquanto os situa em um contexto histórico de significação” (Koselleck, 2021, p. 146). Quer dizer, estamos interessados em analisar “expressões e construções de linguagem” registradas em materiais produzidos por uma determinada sociedade,⁶ adotando uma postura que

[...] nos aconselha, por um lado, a desconfiar da enganosa transparência da linguagem das fontes, que muitas vezes camufla sua radical alteridade semântica sob uma fina camada lexical de palavras conhecidas –, vozes familiares que nos levam a acreditar falsamente no imediatismo e na transparência de seus significados (Fernández Sebastián, 2023, p. 36).

Ainda que alterações de sentido das palavras não deva parecer algo surpreendente, pois os significados são contingentes e derivam de práticas sociais, a investigação dos usos e significados dados às palavras curiosidade e curioso(s) na sociedade portuguesa setecentista partiu da percepção de que as noções correspondentes a essas palavras se transformaram no decorrer daquele século, como apontou uma consulta a dicionários de época. Ressalte-se, porém, que Francisco Ortega (2011, p. 14, *tradução nossa*), considera que os dicionários, apesar de apresentarem evidências importantes acerca da continuidade de certos significados, “[...] são fontes pouco indicadas para explorar as alterações e transformações semânticas, especialmente aquelas que se referem a temas proibidos”.⁷ Por sua vez, João Paulo Silvestre (2004, p. 8) considera que “[...] o dicionário antigo [...] possui toda uma envolvimento histórica, pois recebe e origina uma tradição, introduz rupturas e inovações e recolhe os enunciados num determinado contexto social e temporal”. Silvestre ainda indica que os

⁶ Nesta investigação, utilizamos, basicamente, textos impressos de variada natureza, em versões digitalizadas disponíveis na internet, o que, evidentemente, coloca algumas limitações ao nosso trabalho. Em sua maioria, a documentação consultada está hospedada na biblioteca digital da Biblioteca Nacional de Portugal [disponível em: [BNDigital](https://bdigital.bnpl.pt/)].

⁷ Original: “Si bien la continuidad de las acepciones admitidas en los diccionarios de la época [siglo XV hasta mediados del siglo XIX] constituye una evidencia importante, ésta no es concluyente. Los diccionarios son fuentes poco indicadas para explorar alteraciones y transformaciones semánticas, en especial aquellas que tienen que ver con temas vedados”.



dicionários, ao mesmo tempo em que apresentam o registro linguístico, também expressam um discurso “legitimador de um determinado uso” das palavras.⁸

No início do século XVIII, o religioso Rafael Bluteau (1638-1734) registrou, em seu *Vocabulário português e latino*, que a palavra curioso (substantivo) designava todo aquele que é “amigo de saber coisas que lhe não importam”, indicando que o termo tinha origem na palavra latina *curiosus*, derivada “do advérbio *Cur*, que é fórmula de perguntar”, a partir do que, afirma: “os *curiosos* são grandes perguntadores, como o Mestre deles, o Demônio”; curioso, assim, seria utilizado para identificar aquele que “investiga coisas ocultas”. Por sua vez, curiosidade, palavra que teria origem no latim *curiositas*, conformava-se a um “[...] desordenado desejo de ver, ou de saber coisas novas, ou que nem são úteis nem necessárias”, designando também a disposição “dos que investigam coisas ocultas” (Bluteau, 1712, t. 2, p. 642⁹).

Em 1789, o bacharel Antonio de Moraes Silva (1755-1824) publicou seu *Dicionário da língua portuguesa*, indicando tratar-se de uma edição revista do *Vocabulário* de Bluteau, que havia sido publicado entre 1712 e 1728¹⁰. No prólogo de sua obra, Silva (1789, v. 1, p. viii) informava ao leitor: “[...] lhe poupei a despesa de 10 volumes raros; que lhe dou o bom que neles há, muito melhorado, e por uma décima parte, ou pouco mais do seu custo”. No *Dicionário* de Silva (1789, v. 1, p. 356), curiosidade é definida como “o cuidado e diligência particular” que têm aqueles que desejam saber como “fazer bem alguma coisa”. Um indivíduo curioso (adjetivo) é aquele “dotado de curiosidade”, “que faz as coisas com cuidado para que saiam bem”. Por sua vez, como substantivo, “[...] se diz que é curioso de alguma arte, o que não deu anos a aprende-la com mestre e não a sabe a fundamento”. Interessante indicar que esses significados foram abonados pela obra *Diálogos*, do frei Amador Arrais, cuja primeira edição é de 1589, o que sugere que essas palavras já eram utilizadas com esses sentidos desde o século XVI, pelo menos. Bluteau, porém, utilizou a

⁸ Ainda sobre dicionários, Giorgio Agamben (2005, p. 11) ressalta que eles, “[...] em particular aqueles que não tem um caráter histórico-etimológico, operam dividindo e separando os vários significados de um termo. Esta fragmentação, no entanto, corresponde em geral ao desenvolvimento e a articulação histórica de um único significado original, que é importante não perder de vista”.

⁹ Os volumes do *Vocabulário* apresentam uma paginação singular: o segundo tomo, por exemplo, contém palavras iniciadas pelas letras B e C; as iniciadas com a letra B ocupam páginas numeradas de 1 a 216 e, em seguida, aparecem as palavras iniciadas pela letra C, que ocupam páginas numeradas de 1 a 654. A mesma situação repete-se nos demais tomos.

¹⁰ O *Vocabulário* de Bluteau é composto por 8 tomos, publicados entre 1712 e 1721, e mais 2 volumes suplementares, publicados em 1727 e 1728.



obra de Amador Arrais em seu *Vocabulário*, mas não para abonar as definições de curiosidade e de curioso.

Antes do aparecimento do dicionário de Antonio de Moraes Silva, o padre secular Carlos Folqman (1704-?) havia publicado, em 1755, o *Dicionário português e latino ... compilado do Vocabulário do Reverendo Padre D. Raphael Bluteau e dos melhores Dicionários de várias línguas*. Folqman registra as entradas curioso e curiosidade, ambas como substantivos. Curioso é definido como aquele que é “amigo de saber” e, em uma nova acepção, “amigo de aprender”, sentido derivado da palavra latina *studiosus*. Para curiosidade só é indicada sua etimologia: “*curiositas, átis*”. Para abonar suas definições, Folqman recorre a autores clássicos romanos (Cícero, Plauto, Plínio, o Velho, e Cornélio Nepos), o que mostra, como veremos adiante, a ambiguidade de significados dessa tópica curiosidade/curioso, desde a Antiguidade. Carlos Folqman (1755, p. 151) também anota a palavra “curiosa” (substantivo), que não aparece em Bluteau e nem, posteriormente, em Silva. Os três dicionários ainda apresentam o advérbio curiosamente: “com desejo de saber” (Bluteau), “com aplicação, com estudo” (Folqman) e “com curiosidade” (Silva).

Levando em conta as informações registradas nos dicionários, verifica-se que, desde meados do século XVIII, para uma sociedade católica, o curioso como aquele que “investiga coisas ocultas” e que tem como mestre “o Demônio” deu lugar a um sentido neutro (ou elogioso), ainda que, para Silva, o substantivo designe um sujeito que obteve algum conhecimento (“alguma arte”) com a prática, não tendo frequentado “as aulas¹¹”, conforme expressão de Teodoro de Almeida. Além daquela aparente contradição indicada pelo uso, por Silva, da obra do frei Amador Arrais no abono às definições de curiosidade e curioso (em comparação a Bluteau), destaque-se a inovação apresentada por Folqman, ao registrar um significado para curioso proveniente de *studiosus*, termo latino que aparece no *Vocabulário*, mas que não recebe nenhum comentário: a curioso “pode-se-lhe acrescentar um epíteto, como *studiosus, diligens, curiosus*” (Bluteau, 1712, t. 2, p. 642). Em relação a *studiosus*, São Tomás de Aquino ([1936?], não paginado), nas questões 166 e 167 da *Suma Teológica*, afirma que a *studiositas*, qualidade do estudioso, era oposta à *curiositas*, a característica do curioso. Investigar como e por quê ocorreu essas alterações semânticas (ou, ao menos, o

¹¹ Conforme Elfrida Ralha (2021, p. 212), “*Aula*, no contexto setecentista, significava um Curso completo, com vários anos de duração”.



registro delas nos dicionários) irá auxiliar a entender o sentido atribuído à expressão “pessoas curiosas” no século XVIII português.

O século XVIII português e seus ambientes eruditos

Antes de avançarmos na discussão acerca dos significados das palavras curiosidade e curioso(s) em Portugal, a partir da análise de como elas eram utilizadas no setecentos, é importante considerar que, à época, segundo Carlos Fiolhais (2017, p. 90), “[...] só uma pequena percentagem da população portuguesa era alfabetizada e desses só uma elite, que dominava o latim, podia aceder aos conhecimentos científicos”, ainda que diversas obras modernas já estivessem publicadas em vernáculo, como o português, o espanhol, o francês e o italiano. As pessoas que tinham acesso às ideias que circulavam por intermédio dos livros constituíam o que pode ser identificado como um ambiente erudito, cujos integrantes, além da leitura, também dominavam a escrita da língua portuguesa; muitos deles se expressavam em latim (oralmente e por escrito), mesmo que não tivessem frequentado colégios ou cursos universitários. Do ponto de vista da produção e comercialização de livros, André Belo (2001, p. 31) informa que o mercado livreiro português sofria diversas restrições, destacando a ação “da censura, a debilidade das tiragens e dos lucros, os altos custos da impressão”.

Não obstante essa situação, as academias científicas e literárias criadas em Portugal, na segunda metade do século XVII e no decorrer do setecentos, podem ser consideradas como representantes desses ambientes eruditos¹². Conforme Maria Alexandre Lousada (2011, p. 441), as academias “[...] desempenharam um papel importante na difusão cultural e constituíram uma forma típica de sociabilidade de cariz intelectual, dirigida à discussão e prática literária e artística”. De outra parte, Maria Antónia Lopes (1989, p. 68-71) destaca especialmente a importância das “assembleias” e salões para as sociabilidades femininas no setecentos, pois eram espaços em que pessoas “de ambos os sexos” se reuniam para conversar, “[...] cantar, tocar, dançar, poetar, jogar. [...] Era um modelo que se espalhava desde o início em todos os graus sociais urbanos”.

O século XVIII português, especialmente a sua segunda metade, foi caracterizado como um período contraposto ao século anterior, visto como uma época de “espessas trevas”,

¹² A utilização da expressão “ambiente erudito” deriva de uma referência presente no *Vocabulário* de Bluteau; ao expor os significados da palavra “academia”, ele indicou o funcionamento de uma na casa dos condes da Ericeira, na qual se reunia “a mais ilustre e erudita nobreza do reino” (Bluteau, 1712, t. 1, p. 60).



“falsa filosofia”, “mau gosto” e “decadência das letras e das ciências” (Calafate, 2006, p. 147). Apesar de dominante, essa visão que opõe as Luzes (Razão) às “trevas” deve ser matizada. José Sebastião da Silva Dias (2006, p. 138) argumenta que a Coroa portuguesa, na segunda metade do século XVII, procurou impedir que ideias que circulavam em outros reinos europeus influenciassem a “formação da juventude”: para a Coroa e a Igreja, vivia-se “[...] sob uma vaga de pensamentos e sentimentos heréticos, que atingia fidalgos, clérigos e gente do povo”. Ou seja, os ambientes eruditos portugueses não estavam radicalmente apartados das novidades que circulavam em outros reinos europeus: textos de autores que escreveram sobre física e filosofia modernas, assim como obras jurídicas e morais, passaram por diversas mãos portuguesas, o que “[...] contribuiu para que, no final do século XVII, começasse a haver em Portugal certo conhecimento das ideias e escritos mais importantes dos sábios e filósofos inconformistas” (Dias, 2006, p. 121-123).

Nesse contexto, ainda que não fossem os principais divulgadores das novas ideias filosóficas, alguns religiosos propiciavam que os portugueses entrassem em contato com elas. Conforme João Paulo Silvestre (2004, p. 22 e 23), “[...] graças a Bluteau e a outros teatinos portugueses que também viajaram pela Europa”, os demais padres da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, em Lisboa, obtiveram “notícias do moderno pensamento científico e filosófico”, destacando que

[...] durante os reinados de D. Pedro II e D. João V, a casa dos teatinos em Lisboa foi um centro de intenso labor intelectual, albergando figuras de uma notável erudição e reconhecido prestígio social. [...] O convento foi ponto de encontro da nobreza e da corte, inclusive com a participação do rei.

Situação semelhante ocorreu na Casa do Espírito Santo – e, depois de 1755, no Palácio das Necessidades –, sede da Congregação do Oratório, que havia se estabelecido em Portugal, em 1668. Os oratorianos desenvolviam “[...] uma actividade pedagógica regular, apoiada num gabinete de física experimental, num observatório astronómico, e numa biblioteca, que contribuíram sobremaneira para a renovação da cultura científica portuguesa” (Fiolhais, 2017, p. 92). A Congregação promovia regularmente conferências e demonstrações de física, que atraíam um grande número de interessados, cuja “[...] maioria era constituída por homens de letras e fidalgos ilustrados” (Dias, 2006, p. 206).

Apesar de diversos viajantes estrangeiros descreverem a “vida social” lisboeta, na primeira metade do século XVIII, como “soturna” (Chaves, 1989, p. 19), a cidade possuía, conforme indicaram Silva Dias (2006), Fiolhais (2017) e João Paulo Silvestre (2004), locais



que acolhiam pessoas de “notável erudição”, dentre os quais, além de alguns conventos, destacava-se a casa dos condes da Ericeira, onde funcionou uma academia, da qual Rafael Bluteau fez parte, e que assim se referiu a ela:

Em Portugal, D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante-mor de Sua Majestade, fez, em sua casa, vinte e um anos Academias, a que chamaram dos Generosos. Tiveram princípio no ano de 1647. [...] No ano de 1696, na livraria do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses¹³, se instituiu outra Academia portuguesa, com o título de Conferências discretas, em que, aos domingos à noite, a mais ilustre e erudita nobreza do reino se ajuntava a examinar e resolver questões físicas e morais (Bluteau, 1712, t. 1, p. 60).

O período compreendido pela segunda metade do século XVII e primeiras décadas do século XVIII pode ser considerado como o de maior atividade das academias portuguesas, fossem elas “associações formais de carácter científico e/ou literário” ou apenas reuniões esporádicas “de pessoas letradas, onde se recitavam versos e discursos” (Lousada, 2011, p. 431). A propósito, Ana Cristina Araújo (2003, p. 24) assinala que “[...] nesses certames eruditos, o entretenimento cultural, predominantemente masculino, conserva quase intactas as marcas do gosto e da afectação retórica típicas do Barroco”, ainda que viesse a surgir o interesse por novas “orientações literárias e científicas”.

Inicialmente, as academias eram frequentadas majoritariamente por nobres, fidalgos e dignatários da igreja, uma situação que vai sendo alterada à medida que se avança no setecentos, passando a apresentar uma maior presença de juristas, médicos, professores, militares e outros profissionais vinculados a áreas de saber específicas, como a botânica e a matemática. Com o passar do tempo, esses ambientes eruditos tornaram-se importantes meios “[...] para o surgimento de um público esclarecido que em apoio da circulação de livros e periódicos estrangeiros se instruíam nas mais recentes correntes do cientismo europeu e para o enraizar da tradição da reunião e do convívio intelectuais” (Silva, 2020, p. 15). Ademais, como declarou o Abade Correia da Serra (1789, p. vii), as “corporações literárias” – como a Academia Real das Ciências de Lisboa, da qual foi um dos fundadores, – tinham como finalidade “propagar as luzes”. Nesse sentido, poderíamos dizer que, essas agremiações constituíam o “[...] reflexo de um paradigma intelectual que, em finais de Seiscentos, início de Setecentos se revelava em latente mudança”, com a substituição da filosofia escolástica pelo newtonianismo e pelo experimentalismo; apesar do espírito barroco ainda se fazer

¹³ D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743), o 4º Conde da Ericeira, foi considerado um dos mais cultos fidalgos portugueses, transitando entre o barroco e a modernização das letras e ciências (ver: Monteiro & Urbano, 2019).



presente, anunciava-se o “renovamento do espectro intelectual português” (Silva, 2020, p. 13). Contudo, devemos reconhecer que essa sociabilidade científica e literária, em que despontava o exercício da crítica – uma atitude necessária para a renovação de ideias e mudanças culturais –, não alcançava a todos, tanto no alto, como na base da pirâmide social,¹⁴ ainda que muitos viessem a sofrer seus efeitos.

Da curiosidade e dos curiosos

Sinteticamente, pode-se dizer que curiosidade é o atributo de pessoas curiosas (interessadas em saber algo). Para Luiz Bombassaro (2022, p. 446), desde a Antiguidade, pode-se identificar uma “[...] dupla dimensão da curiosidade: uma pulsão de saber e uma libido perigosa”; assim, por um lado, expressa uma “dimensão epistemológica” e, por outro, um aspecto “ético-moral”. Bluteau, ao registrar que a curiosidade seria um “[...] desordenado desejo de ver, ou de saber coisas novas, ou que nem são úteis nem necessárias”, além de ser a “aplicação dos que investigam as coisas ocultas”, estava, aparentemente, seguindo uma “tradição filosófica” de base católica que sempre considerou a curiosidade “[...] como a paixão de saber autonomizada das preceptivas que impunham a *meditatio mortis*”; a curiosidade, sendo entendida como um “desejo vão”, estava “incluída no catálogo de vícios” (Tatián, 2019, p. 349).¹⁵ Ainda não havia as condições que permitiram a Antonio de Moraes Silva (1789, v. 1, p. 356) registrar a curiosidade como o cuidado daqueles que queriam “fazer bem alguma coisa”, demonstrando aptidão para os estudos (“uma pulsão de saber”).

A cultura católica gestada ao longo de séculos, sob tutela da autoridade eclesiástica romana, com a substancial contribuição dos padres da Igreja, especialmente Santo Agostinho, operou uma mudança na percepção da curiosidade, que se transformou de virtude em vício, tendo sido consequentemente atacada e estigmatizada como um perigo potencial (e pecaminoso), pois comprometia a salvação da alma (Souza Filho, 2022, p. 150).

A percepção da Igreja católica sobre a curiosidade (e os curiosos) também foi influenciada por São Tomás de Aquino (1225-1274), que estabeleceu, como já apontado, uma

¹⁴ Para Andreia Durães (2013, p. 341), em Portugal, “[...] existia uma representação tripartida da sociedade, favorável à consideração de contradições e conflitos sociais que distinguia os grandes, poderosos ou ricos dos pequenos, humildes ou pobres, mas considerava também os homens medianos”.

¹⁵ “La tradición filosófica – en cierto modo consumada por el § 36 de *Ser y tiempo*– no há dejado de advertir contra la curiosidad, considerada como la pasión de saber autonomizada de las preceptivas que impone la *meditatio mortis* –y de la que el *Fausto* es su mayor emblema–. [...] [La curiosidad], “Considerada como *desiderium oculorum* (“la concupiscencia de los ojos hace a los hombres curiosos” –*De Vera Religione*, 38–) y *vana cupiditas*, es incluida en el catálogo de vicios y tratada de manera explícita en el capítulo 35 del Libro Décimo de *Las confesiones*”.



distinção, “no que se refere à busca do saber”, entre uma posição “virtuosa”, ou “estudiosa”, e outra “viciosa”, ou “curiosa” (Theobaldo, 2022, p. 164). Conforme suas palavras, “a estudiosidade se opõe à curiosidade” (Aquino, [1936?], não paginado).

O estudo e as indagações em torno da curiosidade se constituíram como uma temática clássica desde a Antiguidade greco-romana, atravessando o mundo medieval e tendo um momento particularmente fecundo nos primórdios da modernidade [...]. E depois, com a ciência moderna, recebeu nova significação, passando a integrar o rol das virtudes do cientista (Theobaldo & Cruz, 2022, p. 5).

Plutarco (46-120) escreveu um breve tratado intitulado *Sobre a curiosidade*, no qual afirma que “[...] a curiosidade é um grande desejo de saber dos males alheios, e é doença não separada, pelo que parece, de inveja ou malícia” (*apud* Baratieri, 2022, p. 292). Não obstante essa posição do filósofo grego, Nathaël Istasse (2013, p. 1, *tradução nossa*) indica que curiosidade, no vocabulário latino antigo, aparece como “um conceito plural e ambíguo”, comportando a existência de uma “curiosidade intelectual” boa e legítima.¹⁶ O Renascimento, por sua vez, marcou o momento em que a noção de “[...] curiosidade ganhou mais visibilidade, prenunciando a investigação científica metodológica” que ocorreria nos séculos seguintes (Souza Filho, 2022, p. 140), apesar de ainda conviver com a condenação, pela Igreja, da curiosidade de seus fiéis. Conforme Ana Letícia Adami (2022, p. 99), para os que adotavam concepções depreciativas sobre a curiosidade, um “homem curioso” seria “[...] alguém dotado de um vício tão inútil quanto nocivo, dado as doses de malignidade e invidia que lhe acompanham”. Contudo, após o século XVII,

[...] a curiosidade, frívola e inútil, ou seja, a má curiosidade, ganha nova condição e passa ser vinculada ao perfil do investigador consciente de seus métodos e objetivos; adquire legitimidade à proporção que se torna constitutiva do interesse investigativo próprio das ciências modernas (Theobaldo, 2022, p. 178).

O período moderno, assim, trouxe uma desestigmatização da curiosidade (e dos curiosos), à medida que ela poderia constituir-se em uma postura para o aperfeiçoamento intelectual e moral. Querer saber (ou aprender) torna-se uma atividade útil e legítima, e a pessoa curiosa é aquela “[...] que deseja e procura de algum modo saber aquilo que de algum modo ignora” (Bombassaro, 2022, p. 449).

Para o período moderno, Jean Céard (2013, p. 1, *tradução nossa*) refere-se a uma outra mudança, iniciada no século XVI: “[...] a curiosidade tende a deixar de ser apenas a qualidade do curioso, para se tornar o nome genérico de objetos que despertam a curiosidade,

¹⁶ Original: “[...] il s’agira essentiellement de la curiosité intellectuelle, savante, humaniste, bref d’aucuns diraient la « bonne », la « légitime » [...]. le concept pluriel et ambigu de curiosité”.



de maneira que a palavra passa a ser comumente utilizada no plural”.¹⁷ Trata-se de uma referência a objetos ditos curiosos, no sentido de serem “coisa rara e preciosa”, e de poderem constituir “um gabinete cheio de curiosidades” (Céard, 2013, p. 3, *tradução nossa*).¹⁸ Ainda no âmbito linguístico francês, Antoine Furetiere (1690, t. 1, não paginado, *tradução nossa*), indica que curiosidade também era palavra utilizada para designar aquilo que era “raro, secreto, curioso”;¹⁹ uma acepção não apontada por Bluteau (1712), Folqman (1755) ou Silva (1789); nos dicionários portugueses do século XVIII, curiosidade só aparece no singular, para designar uma qualidade ou ação, não objetos.²⁰

Não obstante essa ausência, diversos nobres portugueses cultivaram o colecionismo de objetos curiosos. Segundo Suzanne Chantal ([196?], p. 143), “[...] se o visitante tinha algum mérito [...] poderia penetrar nas salas das curiosidades, onde cada colecionador guardava as suas peças mais queridas”, que podiam incluir animais empalhados, relíquias, objetos do Oriente, miniaturas diversas e conchas. À época, em Portugal, o substantivo gabinete, apontado por Céard, não era utilizado para designar uma sala “das curiosidades”. Bluteau (1713, t. 4, p. 3-4) informa que a palavra gabinete derivava “do francês *Cabinet*, que também significa camarim”, indicando tratar-se do “[...] aposento particular do Príncipe ou Ministro, em que estão os papéis, e em que se tratam os negócios de maior importância”. É interessante que o autor do *Vocabulário* faça referência ao termo francês *cabinet*, pois Furetiere (1690, t. 1, não paginado, *tradução nossa*) aponta para seis significados diferentes dessa palavra, dentre os quais o de designar “[...] uma espécie de loja séria na qual os curiosos guardam, vendem e trocam toda sorte de curiosidades”.²¹ É improvável que Bluteau não conhecesse o *Dictionnaire universel* de Furetiere e que não soubesse da existência das câmaras das maravilhas alemãs (*Wunderkammer*)²² ou das similares italianas (*camera di meraviglie*); então, a ausência desse registro em seu *Vocabulário* é, sem dúvida, instigante,

¹⁷ Original: “Du XVI^e au XVII^e siècle, s’opère, semble-t-il, un déplacement: la curiosité tend à cesser de n’être que le fait du curieux, pour devenir le nom générique des objets qui suscitent la curiosité, si bien que le mot s’emploie volontiers au pluriel”.

¹⁸ Original: “[...] le Dictionnaire de l’Académie précise que le mot « signifie aussi, Chose rare et precieuse. *Il a un cabinet plein de curiosités*. En ce sens il est plus d’usage au pluriel qu’au singulier. »”.

¹⁹ Original: “CURIOSITÉ, se dit aussi de la chose même qui est rare, secrette, curieuse”.

²⁰ Curiosidade como “objeto curioso, raro, original” só vai aparecer na 8ª edição do dicionário de Antonio de Moraes Silva (1890, v. 1, p. 576).

²¹ Original: “Se dit aussi d’une espece d’honneste boutique où les curieux gardent, vendent & troquent toutes sortes de curiosités, de pieces antiques, de medailles, de tableaux, de coquilles”.

²² Pode-se definir o *Wunderkammer* alemão “como uma coleção para uso privado de objetos raros ou próprios a fazer nascer no espectador uma emoção, um maravilhamento” (Banderier, 2023, p. 7).



porque, como frequentador da casa dos condes da Ericeira, ele devia conhecer o “gabinete de curiosidades naturais” e as “coleções de antiguidades e de numismática” ali existentes (Brigola, 2000, p. 62). Havia o objeto (uma sala específica), mas não se fazia uso da expressão – gabinete de curiosidades – para designá-lo, o que aponta para a existência de uma relação entre práticas sociais e a criação de termos (neologismos) e ou a atribuição de (novos) significados a palavras e expressões já existentes.

Curiosidade e curiosos no século XVIII português

Vimos que o *Vocabulário* de Rafael Bluteau apresenta definições que podem ser entendidas como desabonadoras para as palavras curiosidade e curioso. Essa mesma condição aparece no segundo volume do *Suplemento ao Vocabulário*, no qual o religioso apresenta alguns comentários acerca da palavra curiosidade,²³ que é inicialmente definida como “um desejo de saber” que, todavia, recebe a seguinte ressalva: “[...] nunca digno de louvor, quando sem grande razão se põe em riscos; e quando é muito ou muito pouco, sempre sinal de fraqueza”. O verbete continua no mesmo tom: a curiosidade é “perniciosa”, é uma “temeridade [...] digna de castigo”, apresenta-se como um não recomendável “apetite de notícias”, é uma “investigação” que busca descobrir “os segredos de um Estado”, é “vício de invejosos e maldizentes”, além de ser “[...] perturbadora da quietação e do descanso, quando se ocupa na indagação de matérias difíceis e superiores ao entendimento humano”, de onde surgem “as heresias e o Ateísmo” (Bluteau, 1728, p. 479).

Apesar do tom depreciativo dessas definições, curiosidade e curioso aparecem algumas vezes nas páginas pré-textuais do primeiro tomo do *Vocabulário* com acepções favoráveis. Na dedicatória a D. João V, Bluteau (1712, t. 1, não paginado) saúda a sua própria curiosidade como responsável pela escolha das palavras que compõem o *Vocabulário*, identificado como resultado de uma “erudita experiência” que teve o objetivo de combater a “ignorância”, atributo de pessoa “que não tem letras” (Bluteau, 1713, t. 4, p. 43). A definição genérica de curiosidade, como um “[...] desordenado desejo de ver, ou de saber coisas novas, ou que nem são úteis nem necessárias” (Bluteau, 1712, t. 2, p. 642), não corresponde ao uso que ele faz da palavra, que aparece associada à noção de erudição. Podemos considerar que

²³ À maneira de um anexo, Bluteau inseriu no segundo volume do *Suplemento ao Vocabulário* (1728) um conjunto de “outros dez vocabulários, pertencentes à obra”, dentre os quais um “Vocabulário de sinônimos e frases portuguesas, para facilitar composições em prosa e em versos”, cuja paginação é independente.



esta discrepância decorre da utilização de determinados autores latinos para abonar as definições que apresenta, enquanto emprega os termos a partir dos significados que já possuíam na linguagem corrente da época. Assim, sua curiosidade é reconhecida como uma atividade intelectual “legítima e útil sobre temas legítimos e úteis” (Sartorelli, 2022, p. 122), aproximando-se da noção de *studiositas* de cariz tomista, como indicada por Carlos Folqman (1755) ao registrar curioso como um *studiosus*, apesar de, como já apontamos, São Tomás de Aquino indicar que a curiosidade não poderia levar a um saber intelectual legítimo. A curiosidade, como mostra o texto da dedicatória de Bluteau, estava sendo entendida como um “desejo de saber” (Folqman, 1755) digno de louvor, ao contrário do que registrou no *Suplemento*, redigido muitos anos depois do primeiro e do segundo tomos do *Vocabulário*.

O mesmo ocorreu com curioso, que, antes, era identificado como um discípulo do demônio, o que, para a moral católica, era altamente reprovável. Contudo, no “prólogo do autor a todos os tipos de leitores”, o curioso (substantivo ou adjetivo) era alguém virtuoso, que tinha acesso a conhecimentos que antes não poderia alcançar: “[...] hoje, qualquer curioso, breve e facilmente, chegará a saber muito mais que os Antigos”, pois qualquer homem “judiciosamente curioso” deseja saber (certamente, as mulheres também desejavam saber e aprender,²⁴ apesar de Bluteau e muitos outros não as incluírem em seus comentários). O substantivo curioso aparece com o sentido registrado por Carlos Folqman (1755), como “amigo de saber”, “amigo de aprender”. O religioso teatino reafirma o tom enaltecendor dessas noções, assinalando em seu “prólogo” que “[...] aos curiosos poupa esta obra o gasto de uma grande livraria”, pois “[...] para não ser inútil ao público esta minha curiosidade, procurei reduzir a esta obra todos os livros que me vieram às mãos” (Bluteau, 1712, t. 1, não paginado).

Muitos outros autores portugueses do século XVIII fizeram uso dessas duas palavras – curiosidade e curioso(s) – com uma conotação favorável. Em 1721, o carmelita António de Mariz Faria publicou um livro intitulado *Peregrino curioso*, no qual aborda a vida de São João Marcos por intermédio de um diálogo entre dois romeiros, “um devotamente curioso” e o outro (seu *alter ego*, presume-se) “[...] profundamente versado na história eclesiástica e sagradas notícias da augusta Braga”, cidade que guarda relíquias do santo. O diálogo tem início quando o primeiro, que estava seguindo em direção à cidade, indagou “com humilde

²⁴ É o que indica o livro escrito por Francisca de Chantal Álvares (1786), voltado para o ensino da gramática portuguesa às “meninas que se educam no Mosteiro da Visitação de Lisboa”.



cortesania” se poderia fazer algumas perguntas ao segundo, que voltava de sua peregrinação a Braga. O “peregrino curioso” mostrou-se temeroso “que a sua curiosidade” parecesse impertinência, ao invés de devoção, temor que foi afastado pelo outro, que vislumbrou ali a oportunidade “de publicar as excelências de São João Marcos”. O autor, que se identifica como “mestre na sagrada teologia”, não qualifica os termos em questão com os sentidos que a tradição católica usualmente lhes atribuía, ainda que o “peregrino” desejoso de saber se mostrasse receoso em manifestar sua curiosidade. António de Mariz Faria valeu-se do “desejo de saber” de um imaginado curioso para expor seus conhecimentos acerca da “vida, morte, traslado e milagres” do santo a quantos leitores pudesse alcançar (Faria, 1721, p. 2).

Na década seguinte, o fidalgo Francisco Ferrão de Castelo-Branco publicou uma tradução do texto de Jean Baptiste Morvan, Abade de Bellegarde, *Modèles de conversations pour les personnes polies*, de 1697. O tradutor manifestou seu propósito de, com o seu trabalho, instruir “pessoas de qualidade” e advertiu que havia alterado a obra original: “[...] o Autor destas conversações, que são muitas, e em diferentes matérias, as reduziu a um Tomo, e a minha curiosidade as determina dar à estampa divididas, porque assim fica mais fácil aos curiosos aceita-los” (Castelo-Branco, 1734, p. 5 e 7). Castelo-Branco identifica-se como uma pessoa curiosa (tem curiosidade), e as “pessoas de qualidade” a quem ele dirige o seu trabalho são curiosos (substantivo), na acepção registrada por Folqman (1755). Além de publicar a tradução em fascículos, ele fez uma outra alteração muito significativa em relação ao original, acrescentando o adjetivo “curiosas” ao título da obra: *Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas*. Novamente, as palavras curiosidade e curioso(s) manifestam um sentido positivo, denotando um desejo de saber.

A flexão feminina curiosa (adjetivo) também aparece no título do opúsculo *Relação curiosa da varanda em que se celebrou a aclamação...*, texto de 1750, que apresenta algumas questões interessantes. Em suas 20 páginas, temos a ocorrência da palavra curiosa, inclusive no título, quatro vezes (três como adjetivo e uma como substantivo), o advérbio curiosamente aparece três vezes, o substantivo curiosidade é utilizado sete vezes e o adjetivo curiosos, uma vez. Exceto o advérbio, que mantém constante o seu significado, as demais palavras são utilizadas em diferentes contextos de enunciação e com diferentes significados. Curiosamente refere-se a algo feito ou apresentado com cuidado (“O enfeite da cabeça era curiosamente formado de finíssimo ouro”, “o ouro curiosamente dividido”, “uma almofada encarnada



curiosamente bordada de finíssimo ouro”); o substantivo curiosidade, por sua vez, é utilizado para designar algo excepcional (“peregrinas²⁵ flores com tal curiosidade enlaçadas”, anéis de ouro que “estavam com curiosidade servindo de adorno à referida figura”), ou que foi bem executado, com bom feitio (“as grades com tal curiosidade estavam cobertas”, “um letreiro feito com estimável curiosidade”, “que com curiosidade desenhou a agulha”, “com tal curiosidade que bem mostrava ser o risco peregrino”), ou que deve despertar interesse (“vejamos com curiosidade qual fosse o seu ornato”). O texto descreve um recinto (a tal varanda) que foi construído especialmente para a cerimônia de aclamação do rei D. José I, que estava vestido com uma capa decorada por “preciosíssimos diamantes engastados em fino ouro”, que “a curiosa especulação avaliou em milhões”. A descrição também aborda a cerimônia em si, que foi finalizada na Capela Real, que estava decorada com “curiosos ramos” pintados com grande esmero, e a procissão que conduziu o rei até o altar trazia uma cruz “tão rica na matéria, como curiosa no feitio” (única, de feitio extraordinário). “Esta é (benigno leitor) a curiosa relação no título prometida, e entendo que na execução desempenhada, que o meu empenho foi observar indefectivelmente a verdade” (*Relaçam...*, 1750, *passim*). A “relação” era curiosa (interessante) por oferecer uma descrição detalhada e (tanto quanto possível) verdadeira de toda a pompa da cerimônia de aclamação real, com o objetivo de saciar a curiosidade de seus leitores, especialmente os que não puderam acompanhar aquela festividade.

Algum tempo depois, circularam alguns folhetos intitulados *Curiosa relação e verdadeira notícia...*, *Relação verdadeira que fez um curioso...*, *Relação terceira que fez um curioso...*, todos escritos por Luiz Lázaro Leitão, e que apresentam relatos de touradas ocorridas nos dias 28 de agosto, 4 e 11 de setembro de 1752, ainda celebrando a aclamação de D. José I. Apesar dos textos, em versos, exprimirem tons jocosos, o autor esperava que seus leitores tomassem por “verdadeira” a narrativa apresentada (Leitão, 1752a, não paginado). Não há, da parte do autor, nenhum receio em se identificar como um curioso, uma pessoa interessada em “contar toda a novidade” (Leitão, 1752c, não paginado), esperando que suas descrições fossem vistas como verdadeiras. As palavras curiosa(s) e curioso(s), como substantivos ou como adjetivos, parecem circular pelas ruas de Lisboa sem constrangimento

²⁵ Para a época, uma “coisa peregrina” equivale a “coisa rara, singular, excelente” (Bluteau, 1720, t. 6, p.416). Os significados permanecem em Silva (1789, v. 2, p. 187).



algum. Aliás, a *Gazeta de Lisboa* fazia circular anúncios de livros que tinham os curiosos (as pessoas curiosas) como alvo:

A Recreação filosófica e natural, extensa e conhecida obra em diálogo do Padre Teodoro de Almeida com influências filosóficas de Newton, Locke e Descartes, servia ‘para a instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas’. [...] Em 1749, era anunciada em duas ocasiões a obra *Prendas da adolescência*, ‘utilíssima não só para os ingênuos adolescentes, mas para todas, e quaisquer pessoas curiosas’ [...]. Os *Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas*, obra com ‘curiosidades proveitosas e divertidas’ [...] (Belo, 2001, p. 92-93).

Integrantes de ambientes eruditos também atribuíam positividade às noções evocadas pelas palavras curiosidade e curioso(s). Em 1741, o 3º marquês de Valença e 9º conde de Vimioso, D. José Miguel João de Portugal (1706-1775), membro da Academia Real de História Portuguesa, redigiu uma instrução a seu filho primogênito, “fundada nas ações morais, políticas e militares dos condes de Vimioso, seus ascendentes”. Dentre os diversos exemplos coligidos, refere-se ao 7º conde de Vimioso, D. Miguel de Portugal: “Era tão curioso de bons cavalos que, não sendo professor da arte da cavalaria, chegou a ter em Évora trinta cavalos da sua pessoa” (Portugal, 1741, p. 87-88). Não pareceu a D. José Miguel que qualificar seu ascendente de curioso fosse desmerece-lo, apesar de reconhecer que ele não tinha conhecimentos profundos da “arte da cavalaria”. De certo modo, o 7º conde de Vimioso, ilustra a definição apresentada por Antonio de Moraes Silva (1789, v. 1, p. 356) para o substantivo curioso: “[...] se diz que é curioso de alguma arte, o que não deu anos a aprende-la com mestre e não a sabe a fundamento”. Significado semelhante também aparece na crítica de Martinho de Mendonça de Pina e Proença ao livro *Historiologia médica*, de José Rodrigues de Abreu, em 1732:

[...] a boa ordem pede que se observe o Mundo e quanto nele se pode experimentar para depois se discorrer nas causas que se observou. Mas os menos curiosos sem notícia alguma da natureza assentam em uns princípios neutros, a que depois violentamente quer[em] acomodar os efeitos naturais, [...] (*apud* Magalhães, 2013, p. 163).

O oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo (1751, não paginado), no prefácio de seu *Exercícios de língua latina e portuguesa*, ressaltava que não seria necessário justificar a importância de seu livro para as escolas; entretanto, a circulação dele, na forma como fora redigido, permitiria que os seus conteúdos “acerca da fé e bons costumes” fossem encontrados “mais facilmente pelos curiosos”. Quer dizer, era lícito e recomendável que os curiosos (os leitores interessados) pudessem se instruir nos ditames da fé e aprender frases latinas e suas correspondentes em língua portuguesa. O religioso também se afasta do sentido



depreciativo que a tradição católica atribuiu à palavra curioso (adjetivo), que passou a ser utilizada para identificar a pessoa que manifestava interesse em conhecer o que fosse considerado útil.

No âmbito do ensino, também vamos nos referir à já mencionada obra do padre Teodoro de Almeida, *Recreação Filosófica*, ou diálogo sobre a filosofia natural para a instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas. Conforme Carlos Fiolhais (2017, p. 90), o oratoriano utilizou nessa obra uma “linguagem clara, recorrendo amiúde a exemplos e a experiências simples”, o que sinalizava sua “[...] preocupação pedagógica, uma vez que o seu objectivo era fazer chegar as novas ideias ao maior número possível de pessoas”. De fato, Teodoro de Almeida (1786, t. 1, não paginado) declarou que buscou “[...] escrever não tanto para os que estão cultivados com estudos profundos, como para aqueles que, por falta de livros na língua materna, vivem sem instrução”; assim, procurava oferecer um meio “para que os curiosos se possam instruir”, apresentando informações teóricas e “[...] experiências particulares, escolhendo e preferindo as que levam maior atenção aos curiosos”, ou seja, as “experiências mais curiosas e divertidas”. Seu propósito era o de combater situações que levavam muitas pessoas a serem “ignorantes” (das novas ideias), apesar de não estarem privados “da luz da razão”. Nesse sentido, ele afirmava que escrevia para os que “não têm tido estudos” e que não se importavam em receber “uma instrução mediana”.

Os fragmentos citados acima deixam evidente que a expressão “pessoas curiosas” presente no subtítulo de sua obra tem um sentido equivalente à noção de pessoas que querem saber, que querem aprender; tais pessoas teriam condições de se instruírem nos mais diversos assuntos por intermédio de livros escritos em sua “língua materna” (os que não soubessem ler, poderiam acompanhar a leitura realizada por outra pessoa). Os curiosos (substantivo), como aparecem no texto de Teodoro de Almeida, correspondem ao “amigo de saber” e “de aprender” (Folqman, 1755, p. 151).

Em 1767, frei Luís do Monte Carmelo publicou um *Compêndio de Ortografia* destinado a atender aos “curiosos”. Esse religioso carmelita buscava proporcionar aos seus leitores um “bom discernimento” quando da elaboração de “discursos graves ou sérios”, combatendo “os diversos abusos da Plebe”, que deturpavam o idioma português. Frei Luís obteve um privilégio régio que proibia a impressão do livro sem a sua autorização; em sua Provisão, o rei D. José I reconhecia a utilidade da obra, que permitia a “qualquer pessoa” de



seus reinos e domínios aprender “com grande facilidade os acentos e ortografia da língua portuguesa”. O *Compêndio*, que havia sido escrito inicialmente “para alguns curiosos domésticos”, não era dirigido àqueles que haviam obtido uma sólida formação escolar, da qual faziam parte o estudo da gramática latina e a da língua portuguesa, e nem aos “ignorantes”, ou seja, aqueles “que blasfemam de tudo o que ignoram”. Frei Luís buscava alcançar pessoas que quisessem se instruir na ortografia e pronúncia das palavras da língua portuguesa, conforme “comumente usam hoje os cortesãos e eruditos”, sem “o adjutório de mestres” (Monte Carmelo, 1767, não paginado).

Também aos olhos de frei Luís os curiosos eram aqueles interessados em aprender, mas que nem sempre podiam frequentar as aulas ou contar com “mestres” que os ensinassem. Explicitamente, os curiosos eram contrapostos aos ignorantes e à plebe (os populares), responsáveis pela corrupção da língua portuguesa. Do mesmo modo que Teodoro de Almeida, o carmelita contrapunha as pessoas curiosas, aquelas que buscavam se instruírem, àquelas que não se interessavam em aprender por intermédio das obras colocadas ao alcance delas.

Entretanto, os curiosos não estavam apenas do lado de fora das escolas. Os *Estatutos literários dos carmelitas calçados*, destinados a organizar os estudos em seus colégios, recomendava que o professor de grego tivesse todo o empenho em instruir “os discípulos” e “os religiosos maiores” no estudo dessa língua, “[...] persuadindo-os a que com a sua curiosidade e aplicação podem fazer-se capazes de a ler e entender brevemente, [...] para que continuando curiosos e aplicados cheguem a ser nela suficientemente instruídos” (Estatutos, 1776, p. 57). Por sua vez, o franciscano Manuel do Cenáculo, superior da Ordem, registra em seu *Cuidados literários* que os noviços “curiosos” poderiam ler aquela obra destinada a organizar o ensino nos colégios da ordem, de maneira gradual, “em tempos repartidos”. Para ele, a curiosidade não fazia parte “[...] dos muitos defeitos que concorrem para atrasar felizes adiantamentos” nos estudos; ao contrário, como também indicavam os *Estatutos* dos carmelitas, ela deveria ser atendida e utilizada em prol do aprendizado (Beja, 1791, p. 4, 8 e 3). Excitar a curiosidade dos alunos torna-se quase um elemento pedagógico; no interior das próprias escolas, a disposição do curioso devia ser vista como um estímulo aos estudos.

Como vemos, essas palavras – curiosidade e curioso(s) – manifestam um sentido otimista, e isto ocorria mesmo que estivesse indicando um mero interesse em saber de



novidades mundanas, como aparece na “curiosa notícia” de um combate entre navios espanhóis e mouros relatada em um folheto impresso de 1756. A curiosidade também foi utilizada para promover a colonização de terras sob domínio luso, como indica a *Relação curiosa e descrição geográfica das terras de Moçambique...*, ou para louvar as obras “do Altíssimo Deus, criador de todas as formosuras”, mesmo que tais “formosuras” estivessem situadas em territórios ocupados por não cristãos, como descreveu o autor de uma *Relação curiosa das grandezas do reino da China*. A percepção católica da curiosidade “como um perigo potencial (e pecaminoso), pois comprometia a salvação da alma” (Souza Filho, 2022, p. 150) cedeu lugar, na medida em que manifestar interesse em saber algo, ou informar-se sobre o que não se conhecia, passou a ser entendido como um instrumento para o aperfeiçoamento intelectual e moral, mesmo quando realizado fora das escolas.

Pessoas curiosas e a Ilustração portuguesa (à guisa de conclusão)

Não são poucos os que, neste Reino, buscam a melhor Filosofia na curiosa observação dos efeitos naturais e na sagaz indagação de suas causas (Martinho de M. de P. e Proença, 1732, *apud* Magalhães, 2013, p. 163).

No início do século XVIII, o dominicano Lucas de Santa Catarina, sob o pseudônimo de Felix Castanheira Turacem, publicou a obra *Serão político, abuso emendado, dividido em três noites para divertimento dos curiosos*. Trata-se de uma narrativa por intermédio da qual o religioso procura passar preceitos morais a seus leitores. Nesse sentido, os curiosos serão aqueles a quem se deve instruir. Aliás, vale ressaltar a utilização do substantivo e do adjetivo curioso (e suas flexões) nos títulos de diversas obras com o aparente objetivo de chamar a atenção de seus potenciais leitores, como fez, entre outros, Francisco Ferrão de Castelo-Branco, que alterou o título original da obra que traduziu. A quem essas obras queriam alcançar?

Vimos acima que as obras que se dirigem às pessoas curiosas são bastante diversas, desde simples folhetos até produções voltadas para a disseminação de novos conhecimentos científicos. José Lopes Baptista de Almada, em 1749, publicou o livro *Prendas da adolescência*, a que já se fez referência. Trata-se de um manual que ensina diferentes habilidades, como escrever, contar, desenhar, pintar, colorir etc. Conforme o censor Pedro Correa, da Congregação do Oratório, “[...] já não haverá curiosidade, que com a lição desta Obra, se não dê por muito satisfeita”; nas palavras de outro censor, o jesuíta Victorino



Pacheco, “[...] é Obra digna da luz pública, pelo proveito que causará a todos os curiosos e eruditos” (Almada, 1749, não paginado). As palavras dos censores apontam para um público leitor interessado em conhecimentos úteis, mesmo que já detivessem “estudos profundos” em alguma área. É o que ocorre também com a obra do frei João Pacheco que, entre 1734 e 1744, havia publicado quatro volumes do *Divertimento erudito para os curiosos de notícias históricas, escolásticas, políticas, naturais, sagradas e profanas*. Segundo seu autor, tratava-se de “um compêndio de notícias históricas e científicas”, com o objetivo de abordar “[...] tudo o que é digno e útil de saber-se de todo gênero de pessoas, tanto doutas como indoutas” (Pacheco, 1741, não paginado). O termo curiosidade está presente em vários momentos, denotando uma atitude interessada, ainda que precise ser sóbria: “Filósofo natural é aquele que com estudiosa curiosidade investiga as secretas operações da natureza” (Pacheco, 1741, p. 232). Os curiosos, por sua vez, seriam possuidores de conhecimentos limitados, incapazes de maior compreensão: após uma extensa explicação sobre problemas matemáticos, João Pacheco (1738, p. 535) encerra o tópico com a frase “[...] não é necessário dizer mais, porque para os curiosos isso basta”. Já vimos semelhante asserção: aos curiosos não era necessário oferecer “estudos profundos”, seria suficiente dar-lhes “uma instrução mediana” (Almeida, 1786). Os livros *Prendas da adolescência* e *Divertimento erudito* foram anunciados na *Gazeta de Lisboa*, indicando a sua oferta a um público amplo, que buscava “conhecimentos úteis”. Os anúncios e comentários veiculados pela *Gazeta* prometiam ao leitor, muitas vezes, “uma compreensão facilitada e o «desterro» de «ignorâncias»”, acentuando uma “tendência para o didactismo” (Belo, 2001, p. 93-94), que visava a alcançar qualquer tipo de interessado nos mais diversos assuntos.

Chegando a este ponto, convém recuperar algumas palavras de Reinhart Koselleck (2021, p. 146), para reafirmarmos nossa proposta de, “[...] com a ajuda de textos, chegar a enunciados que ultrapassem os textos, porquanto os situa em um contexto histórico de significação”; quer dizer, nosso propósito foi o de buscar uma compreensão sobre uma sociedade “através do prisma da linguagem” (Fernández Sebastián, 2023, p. 54-55), no caso, da sociedade setecentista portuguesa, a partir dos usos e significados atribuídos às palavras curiosidade e curioso(s). Em linhas gerais, pudemos acompanhar a modificação ocorrida com a noção de curiosidade (que se estende a curioso, adjetivo ou substantivo, e suas flexões), desde o seu registro no *Vocabulário* de Rafael Bluteau, no qual aparece definida por uma



tradição católica, que a considerava como um desvio que distanciava os fiéis de Deus, na medida em que abrigava “um impulso diabólico” (Tatián, 2019, p. 349, *tradução nossa*),²⁶ até ser reconhecida como uma atividade intelectual “legítima e útil sobre temas legítimos e úteis” (Sartorelli, 2022, p. 122). Assinale-se que, considerando o uso das palavras curiosidade e curioso por Bluteau, nas páginas pré-textuais do *Vocabulário*, e pelos outros autores que destacamos, os significados favoráveis atribuídos a essas palavras já estava plenamente estabelecido desde, pelo menos, o início do século XVIII, em Portugal.

Entendemos que a alteração semântica a que estamos nos referindo, relacionada à passagem do pecado para a virtude, esteve relacionada a “um contexto de mudanças sociais, econômicas e políticas”, que promoveu “[...] a emergência de um novo enquadramento conceptual para analisar e interpretar a sociedade” (Durães, 2013, p. 340); conforme José Sebastião da Silva Dias (2006, p. 123), desde meados do século XVII, começou a existir em Portugal “[...] certo conhecimento das ideias e escritos mais importantes dos sábios e filósofos inconformistas”, o que contribuiu para a renovação cultural da sociedade lusa. Nesse contexto, a pessoa curiosa e a curiosidade passaram a ser bem vistas. Concluímos que essa conotação favorável decorreu do espírito científico moderno, marcado pelo exercício da Razão, e que defendia a observação e a experimentação no lugar da adoção de dogmas estabelecidos, especialmente pela Igreja católica. Como pudemos verificar, o surgimento das academias científicas e literárias que, sob patrocínio régio ou de particulares, caracterizaram-se como espaços de sociabilidade intelectual e de exercício das opiniões pessoais e da crítica, foi um indicativo desse novo espírito que transformou a curiosidade em virtude. As pessoas curiosas na Ilustração portuguesa foram movidas por uma curiosidade legítima e útil: queriam saber e discorrer sobre os mais diversos assuntos (políticos, inclusive).

Referências

Adami, Ana Letícia. Perversa cura vocatur: análise moral e filológica da curiositas por Lorenzo Valla. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 96-113, 2022.

Agamben, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, n. 5, p. 9-16, 2005.

²⁶ Original: “En cuanto desvío que aleja de Dios y del pensamiento de Dios, un impulso diabólico se aloja en la curiosidad”.



Araújo, Ana Cristina. **A cultura das Luzes em Portugal: temas e problemas**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

Austin, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Banderier, Gilles. Os gabinetes de curiosidades ou o encantamento do mundo. **Porto Arte - Revista de Artes Visuais**, v. 27, n. 47, p. 1-34, 2023.

Baratieri, Pedro Luz. Tradução: Sobre a curiosidade [Plutarco]. **Dissertatio – Revista de Filosofia**, v. 56, p. 281-304, 2022.

Belo, André. **As Gazetas e os livros: a Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)**. Lisboa: Instituto de Ciência Sociais UL, 2001.

Bombassaro, Luiz Carlos. A metamorfose do ‘curioso’ em Giordano Bruno. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-453, 2022.

Brigola, João Carlos Pires. **Colecções, gabinetes e museus em Portugal no Séc. XVIII**. Tese (Doutorado em História). Évora: Universidade de Évora, 2002.

Calafate, Pedro. A evidência geométrica – a luz e as trevas: Introdução. In: Calafate, Pedro (Org.). **Portugal como problema: séculos XVII e XVIII – da obscuridade profética à evidência geométrica**. Lisboa: Público: Fundação Luso-Americana, 2006. p. 147-160.

Céard, Jean. De la curiosité aux curiosites. **Camenae**, n. 15, p. 1-8, 2013.

Chantal, Suzanne. **A vida quotidiana em Portugal ao tempo do terramoto**. Lisboa: Livros do Brasil, [196?].

Chaves, Castelo Branco. Prefácio. In: **O Portugal de D. João V: visto por três forasteiros**. 2º Ed. - Lisboa: Biblioteca Nacional, 1989.

Dias, José Sebastião da Silva. **Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)**. Porto: Campo das Letras, 2006 [1952].

Durães, Andreia. Grupos intermédios em Portugal (1600-1850): uma aproximação ao vocabulário social. **Topoi**, v. 14, n. 27, p. 318-343, 2013.

Fernández Sebastián, Javier. **História conceitual no Atlântico ibérico: linguagens, tempos, revoluções**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Editora Hucitec, 2023.

Fiolhais, Carlos. Os diálogos filosóficos do padre Teodoro de Almeida. **Limite – Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía**, v. 11, n. 1, p. 89-110, 2017.

Istasse, Nathaël. Pour une contribution à l’étude du lexique latin de la curiosité: la curiosité intellectuelle dans l’Antiquité. **Camenae**, n. 15, p. 1-49, 2013.



Koselleck, Reinhart. **Histórias de conceitos**: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

Koselleck, Reinhart. **Uma latente filosofia do tempo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

Lopes, Maria Antónia. **Mulheres, espaço e sociabilidades**: a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII). Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

Lousada, Maria Alexandre. Novas formas: vida privada, sociabilidades culturais e emergência do espaço público. In: Mattoso, José (dir.). **História da vida privada em Portugal**: a Idade Moderna. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p. 424-456.

Molano Vega, Mario Alejandro. Reinhart Koselleck, Historias de conceptos [Resenha]. **Conceptos Históricos**, v. 1, n. 1, p. 162-181, 2015.

Monteiro, Ofélia Paiva & Urbano, Carlota Miranda. **Francisco Xavier de Meneses, IV Conde da Ericeira**: o raiar das “Luzes” entre fastos barrocos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

Ortega, Francisco. Ni nacion ni parte integral : “colonia”, de vocablo a concepto en el siglo XVIII iberoamericano. **Prismas – Revista de História Intelectual**, n. 15, p. 11-29, 2011.

Ralha, Elfrida. João Ângelo Brunelli (1722-1804). Episódios históricos marcados por um matemático bolonhês contratado por D. João V. **RiMe – Rivista dell’Istituto di Storia dell’Europa Mediterranea**, n. 8, v. 3, p. 199-238, 2021.

Santos, Antonio Cesar de Almeida. Decifrando palavras: um vocabulário de cultura e educação no contexto das Luzes portuguesas. In: Lage, Ana Cristina Pereira (Org.). **Instituições educativas**: cultura, escrita e administração na América portuguesa. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2021. p. 287-313.

Santos, Antonio Cesar de Almeida. Tempos de transição e intenção autoral: questões para a história do pensamento político. In: Vásquez, Georgiane G. H. & Denipoti, Cláudio (Orgs.). **Tempos de transição**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 39-62.

Sartorelli, Elaine C. Interpretação e restituição: a filologia “radical” de Miguel Servet contra “as monstruosidades dos sofistas”. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 114-138, jul.-dez., 2022.

Silva, Diana Sofia Tavares. **A Sociedade Literária Patriótica de Lisboa**: sociabilidade e cultura política. 2020. Dissertação (Mestrado em História). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2020.



Silvestre, João Paulo Martins. **Rafael Bluteau e o “Vocabulário português, e latino”**: teoria metalexigráfica, fontes e recepção. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, 2004.

Skinner, Quentin. **Hobbes e a liberdade republicana**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Skinner, Quentin. **Visões da política**: sobre os métodos históricos. Alges: Difel, 2005.

Souza Filho, José Alexandrino. Curiosos ensaios. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 139-158, 2022.

Tatián, Diego. El estudio de las humanidades como cuidado del mundo. In: Tatián, Diego; Casarin, Marcelo. **Universidad, producción del conocimiento e inclusión social**: a 100 años de la Reforma. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba; Centro de Estudios Avanzados, 2019.

Theobaldo, Maria Cristina. Usos legítimos e ilegítimos da curiosidade em Montaigne. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 159-178, 2022.

Theobaldo, Maria Cristina & Cruz, Marcus. Apresentação do dossiê Interpretações sobre a curiosidade. **Revista Territórios & Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 4-8, 2022.

Turin, Rodrigo. **Tempos precários**: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. [S. l.]: Zazie Edições, 2019.

Fontes

Almada, Joze Lopez Baptista de. **Prendas da Adolescencia ou Adolescencia Prendada com as Prendas, Artes, e Curiosidades mais uteis...** Lisboa: na Officina de Francisco da Silva, 1749. Disponível em: [\[link\]](#).

Almeida, Teodoro de. **Recreação Filosófica, ou diálogo sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas que não frequentarão as aulas**. 5ª Imp. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1786, t. 1.

Álvares, Francisca de Chantal. **Breve Compendio da Gramatica Portuguesa para o uso das Meninas que se educam no Mosteiro da Vizitação de Lisboa**. Lisboa: na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1786. Disponível em: [\[link\]](#).

Aquino, Tomás de. **Suma teológica**. [S. l.]: Livros Católicos para Download, [transcrição da edição de 1936?]. Disponível em: [\[link\]](#).

Beja, Bispo de (Manuel do Cenáculo Vilas Boas). **Cuidados literarios do prelado de Beja em graça do seu Bispado**. Lisboa: na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791. Disponível em: [\[link\]](#).



Bluteau, Rafael. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, t. 1.

Bluteau, Rafael. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, t. 2.

Bluteau, Rafael. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, t. 4.

Bluteau, Rafael. **Vocabulário português e latino**. Lisboa: na Officina de Paschoal da Sylva, 1720, t. 6.

Bluteau, Rafael. **Suplemento ao Vocabulário português e latino** – Parte II. Lisboa Occidental: na Patriarcal Officina da Música, 1728.

Castelo-Branco, Francisco Ferrão de. **Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas / escrito pelo Abbade de Bellegarde em a lingua Franceza; tradusido em o idioma portuguez por Francisco Ferram d'Castello-Branco...** 1ª Parte. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira impressor da augustíssima Rainha N. S., 1734. Disponível em: [\[link\]](#).

Curiosa noticia de hum grande combate que tiverão tres navios, e dois chavecos de mouros, com duas naus de guerra de Hespanha. Lisboa: na officina de Domingos Rodrigues, 1756. Disponível em: [\[link\]](#).

Estatutos Literarios dos Religiosos Carmelitas Calçados da Provincia de Portugal, ordenados em conformidade das ponderosas, e sempre respeitáveis disposições dos Novos Estatutos da Universidade de Coimbra / pelo Prelado maior da mesma Provincia o P. M. Doutor Fr. Francisco Ferreira da Graça. Lisboa: na Regia Officina Typografica, 1776. Disponível em: [\[link\]](#).

Faria, António de Mariz. **Peregrino curioso da vida, morte, trasladação, & milagres do gloriosissimo Senhor S. João Marcos, na augusta cidade de Braga**. Lisboa Occidental: na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721. Disponível em: [\[link\]](#).

Figueiredo, António Pereira de. **Exercicios da lingua latina, e portuguesa acerca de diversas couzas para uso das escollas da Congregaçam do Oratorio na casa de N. Senhora das Necessidades, ordenados pela mesma Congregação**. Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues, 1751. Disponível em: [\[link\]](#).

Folqman, Carlos. **Diccionario português e latino ... compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Raphael Bluteau e dos melhores Diccionarios de varias línguas**. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1755. Disponível em: [\[link\]](#).

Furetiere, Antoine. **Dictionaire Universel, contenant generalement tou les mots françois ...** La Haye; Rotterdam: Chez Arnout & Reinier Leers, 1690, t. 1. Disponível em: [\[link\]](#).



Leitão, Luiz Lázaro. **Curiosa relaçam, e verdadeira noticia do que se passou em o dia segunda feira 28 de Agosto de 1752 e...** / composto por Luiz Lázaro Leitão. Lisboa: [s.n.], 1752a. Disponível em: [\[link\]](#).

Leitão, Luiz Lázaro. **Relaçam terceira, que fez hum curioso noticiando toda a festividade que houve na devirtida tarde do terceiro dia de touros a 11 de setembro de 1752...** / composto por Luiz Lázaro Leitão. Lisboa: [s.n.], 1752b. Disponível em: [\[link\]](#).

Leitão, Luiz Lázaro. **Relaçam verdadeira, que fez hum curioso noticiando toda a Festividade que houve na devirtida tarde do segundo dia de touros a 4 de setembro de 1752...** / composto por Luiz Lázaro Leitão. Lisboa: [s.n.], 1752c. Disponível em: [\[link\]](#).

Magalhães, Isabel Allegro (comp.). **História e antologia da literatura portuguesa, século XVIII** – volume IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

Monte Carmelo, Luís de. **Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia, e Prosódia...** Lisboa: na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767. Disponível em [\[link\]](#).

Pacheco, João. **Divertimento erudito para os curiosos de notícias históricas, escolásticas, políticas...** Lisboa Occidental: na Officina de Antonio de Souza da Sylva, 1738, t. 2. Disponível em: [\[link\]](#).

Pacheco, João. **Divertimento erudito para os curiosos de notícias históricas, escolásticas, políticas...** Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira, 1741, t. 3. Disponível em: [\[link\]](#).

Pacheco, João. **Divertimento erudito para os curiosos de notícias históricas, escolásticas, políticas...** Lisboa Occidental: na Officina de Domingos Gonçalves, 1744, t. 4. Disponível em: [\[link\]](#).

Portugal, José Miguel João de. **Instrucçam que o conde de Vimioso Dom Joseph Miguel Joam de Portugal, dá a seu filho D. Francisco Joseph Miguel de Portugal, Fundada nas acçoens moraes, politicas e militares dos Condes de Vimioso seus ascendentes.** Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, 1741.

Relaçam curiosa da varanda, em que se celebrou a aclamaçam, e exaltaçam ao trono do sempre inclyto,... Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira, 1750. Disponível em: [\[link\]](#).

Relaçam curiosa das grandezas do reino da China, noticia da sua situaçam, fortalezas, rios, e lugares notáveis. Lisboa: na officina de Pedro Ferreira, Impressor da Fidelissima Raynha N. S., 1762. Disponível em: [\[link\]](#).

Relação curiosa e descripçam geographica das terras de moçambique, rios de Sena... Lisboa: [s.n.], 1755. Disponível em: [\[link\]](#).



Santa Catarina, Lucas de, O. P. **Seram politico, abuso emendado, dividido em tres Noites para divertimento dos curiosos.** [por Felix Castanheira Turacem]. Lisboa: na Officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1704. Disponível em: [\[link\]](#).

Serra, José Francisco Correia da (Abade). Discurso preliminar. *In: Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa.* Lisboa: Oficina da Academia Real das Ciências, 1789, t. 1, p. vii-xi.

Silva, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro.** Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, v. 1 e v. 2.

Silva, Antonio de Moares. **Dicionário da língua portuguesa.** 8 Ed. Rev. Melh. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1890, v. 1.

Submetido em: 20 de fevereiro de 2025

Avaliado em: 09 de março de 2025

Aceito em: 11 de março de 2025